

Uma intrigante experiência, esta exposição de Isabel Sabino, artista que, ao contrário do que infelizmente vai singrando pelo actual meio artístico português, é uma pintora informada, capaz de produzir um bom discurso teórico sobre a sua arte, o que não quer dizer que a racionalize excessivamente.

É-nos grato constatar o esforço e a coragem necessárias à ultrapassagem de convenções estilísticas, esforço patente nesta exposição em que se verificam duas situações quase opostas: a pintura de grande dimensão — shaped canvases — e os pequenos objectos. Um critério 'ajuizado' proporia talvez que na exposição se optasse apenas por uma destas situações, mas a pintora quer mesmo mostrar a sua 'complexidade e contradição', o que sem dúvida enriquece problematicamente a exposição.

Antes de olhar as obras e tentar estendê-las 'per se', uma questão de imediato se levanta: a confluência de materiais, formas, escalas e texturas que numa perspectiva puramente esteticista 'se dão mal'. Então somos obrigados a reconhecer que nesta quase brutal confluência se exprime uma estética — a do voluntário anti-esteticismo, mas não um anti-esteticismo expressionista. Crêmos tratar-se de uma 'desordem' apenas entendida à luz de uma estética anarquista e que tem profunda consonância com o desenvolvimento urbano, aliás suburbano, em que coexistem situações de diferentes qualidades e características formais. Falar de Lisboa, da sua esquálida e estranha beleza não é mais possível perante esta situação. Mas falar-se dos arredores de Lisboa, dos subúrbios anárquica mas criativamente apropriados, é o que de certo modo explica esta pintura, porque ela acaba por constituir uma inteligente reflexão sobre essa realidade.

O olhar da pintora observa atentamente como o povo português é capaz de associar elementos díspares para com eles formar unidades. E assim muito se diz sobre Portugal, não apenas num discurso marxisto-economicista de denúncia, mas sim, recuando um pouco atrás, talvez encontremos essa capacidade por via de uma herança árabe, capacidade orientalizante de junção de elementos, que o racionalismo disciplinador que todos temos mais ou menos integrado recusa, absolutamente recusa.

É evidente que esta liberdade surge depois da experiência pós-modernista em que a consciência do Kitsch, e da fealdade terceiro-mundista, se conjuga com sinais neo-geométricos, conjugação descomplexada, uma das (poucas) vantagens do pós-modernismo... É nesse sentido, creio, que vão as grandes telas de Isabel Sabino, as 'shaped canvases' em que a sobrecarga plástica e semântica é deliberada. Experimentais, apondo várias soluções, mas tendendo curiosamente cada vez mais para a terceira dimensão, constituem uma série no início de um processo que parece promissor e significativo.

Os pequenos objectos apresentam outra situação: são excelentes composições e vivem harmoniosamente na escala que lhes é proposta. São pequenas lições de pintura matéria em que por vezes encontramos dimensões líricas, trabalhos de prazer, de tréguas com a 'composição', não sendo todavia fáceis, automatizantes ou decorativos.

É pois com prazer que se assiste no percurso dos artistas, a momentos de auto-desafio, assim se avança, se faz progredir o meio, assim se ajuda o público.

Maio de 1990 Sílvia Chicó

